BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjó Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

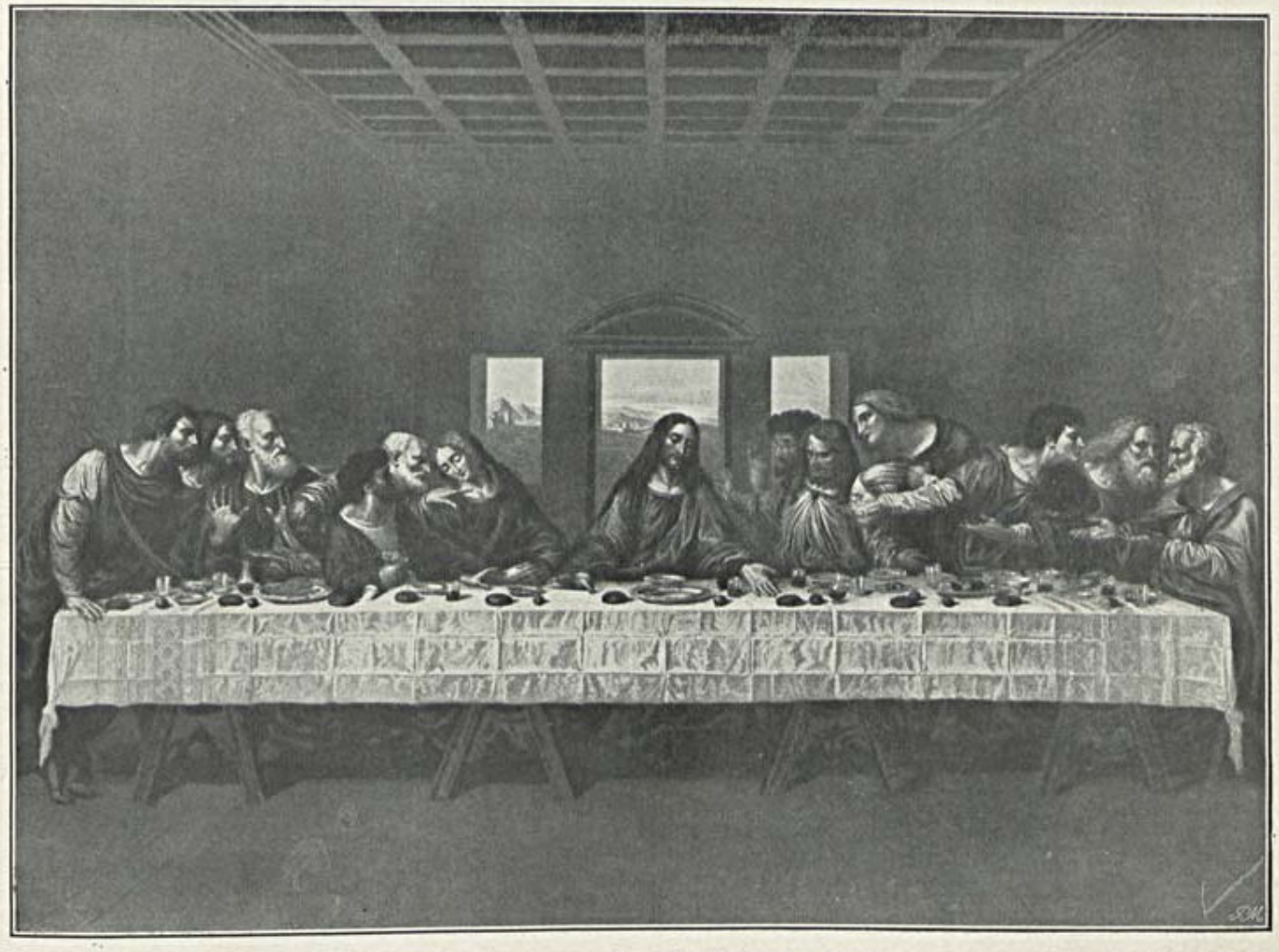
CHEFE DO ESCRIPTORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empreza do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Annuario Commercial

16 DE MARÇO DE 1913

N.º 340

Assumptos religiosos

Semana Santa



A ceia do Senhor

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de março de 1913

> Vae rever-se a lei da Separação n'um qualquer d'estes dias, se Deus quizer e o sr. Affonso Costa consentir. Remediar todos os males que as suas asperezas acarretaram para a Republica, é já hoje impossivel. Por culpa d'ella se atearam muitos odios, se armaram muitos braços.
>
> (Do *Intransigente* de 12-3-1913)

Não vou discutir a lei da separação, a chamada lei basilar da Republica e que afinal tanto tem abalado as bases do regimen, affastando-lhe sympathias, *ateando muitos odios* e *armando muitos braços*, como diz o jornal do sr. Machado dos Santos.

As palavras do *Intransigente* servem, porem, para justificar o que eu já tinha em mente escrever a proposito da morte do Redemptor, que a Igreja todos os annos commemora na Semana Santa, em que vamos entrar.

Muitas são as considerações que este facto commovente me suggere, mas todas ellas mais ou menos se resumem n'uma verdade incontestavel — é que hoje, como no tempo em que se passou a tragedia do Calvario, ha ainda perseguidos e perseguidores, victimas e tyrannos, gente que soffre pela sua fé e individuos para quem a religião, em vez de ser considerada como o mais poderoso auxiliar do estado, representa, pelo contrario, o seu mais implacavel inimigo. As victimas, os perseguidos, são ainda os que seguem a doutrina de Christo, mas os seus perseguidores é que já não são os judeus — são agora os partidarios do livre pensamento.

Começaram estes a sua propaganda expondo principios que tinham em parte o seu lado acceitavel — a liberdade de cultos.

De facto, nenhuma razão existe para que alguem seja perseguido por motivos religiosos. Que o individuo siga a lei de Christo ou a de Mafoma, a de Moysés ou a de Confucio, provado está que a sua intenção é boa e respeitavel, pois que o seu fim é sempre adorar o Creador d'esta obra magnifica que é o Universo, obra que ainda nenhum sabio conseguiu explicar, não obstante todo o seu amontoado de palavras, de theorias e de hypotheses. Que o individuo entenda até que nenhuma religião deve seguir, está tambem no seu direito, desde que não moleste as crenças dos outros, que são e continuarão a ser a grande maioria.

Mas não é, afinal, nada d'isto o que querem aquelles cujo ideal é a negação de todos os ideaes. Desde que elles conseguem ter, embora momentaneamente, a preponderancia, e digo momentaneamente porque a religião, e em especial a religião christã, que é a dos povos mais civilisados, acaba sempre por triumphar, logo se vê que os seus fins são muito diversos e que a sua tão apregoada liberdade não passa d'uma feroz intolerancia.

Veja-se, por exemplo, o que tem succedido no nosso paiz, onde a tal liberdade de cultos logo se transformou no odio ao culto catholico com todas as consequencias que, dia a dia, os jornaes vão mencionando. Em vez do gesto de tolerante desdem, que seria de esperar de creaturas tão superiores, pela crença ingenua e simples d'aquelles que adoram a Deus porque não nasceram dotados d'aquella *sabedoria* que tudo explica sem a existencia de um Ente Supremo, o seu odio ao catholicismo manifesta-se de todas as maneiras e torna-os tão cegos que nem ao menos os deixa ver a propria conveniencia de evitar aquelles *males* e aquellas *asperezas* de que falla o jornal do sr. Machado dos Santos.

E assim tudo os incommoda e indispõe. Irrita-os o tocar dos sinos, prohibem que os padres portuguezes atravessem as ruas vestidos com os seus habitos, não permittem que nos collegios, mesmo nos particulares, se ensine a doutrina christã, fazendo um escarcéo enorme quando lhes consta que n'este sentido algum facto se praticou contrario aos seus desejos, e, como se tudo isto não bastasse, ahi andam agora secularisando os cemiterios e profanando as capellas, como se a sombra da cruz lhes fizesse mal, os afugentasse, os não deixasse viver tranquillos.

Mas afinal para que é tudo isto? Porque se persegue o padre, cujos habitos a ninguem offendem, e se deixa em liberdade a prostituta com o seu trajar provocante e o peito a descoberto? Porque se prohibe o ensino do cathecismo e se permitte a revista immoral e o livro pornographico?

Para acabar com a religião, para matar o catholicismo?!

A conspiração monarchica

Os accusados politicos dr. Carlos Lopes, Alçada de Paiva e José Casimiro, recentemente absolvidos pelo Tribunal Marcial de Lisboa
*(Phot. de***)*

Que loucura e que vaidade!

Aponta-nos a historia grandes perseguições que o christianismo soffreu e nem assim elle acabou. Pelo contrario, cada vez mais se desenvolveu. Não acabaram com elle as perseguições do imperador Nero em todos os estados do imperio romano, não o matou em França a revolução de 1789 com todos os seus horrores e sacrilegios, e na peninsula iberica não conseguiram extingui-lo as successivas invasões dos sarracenos, a sua longa permanencia entre nós, a lucta secular entre os partidarios da Cruz e os do Crescente.

*

Se a religião christã fosse má, fosse falsa, se não representasse um ideal civilisador, uma poderosa alavanca do progresso, se as suas doutrinas não tivessem por objectivo conduzir os homens pelo melhor caminho, ha muito que teria deixado de existir, ou pelo menos notava-se-lhe uma tendencia para desapparecer, sem serem necessarios os esforços d'aquelles que tanto se empenham em a guerrear. Seria n'esse caso um organismo doente e como tal em si proprio teria o germen da morte.

Nada d'isso, porem, acontece nem acontecerá. Podem os inimigos da religião tentar todos os esforços que nada conseguem. De nada lhes vale destruir capellas nem mutilar imagens, como ainda ha bem pouco succedeu em Coimbra. Tudo isso que é muito como profanação, não é, afinal, nada para o caso de que estou tratando. Os alicerces da religião não estão onde os procuram para os destruir; assentam no coração da humanidade, longe da alçada de todos os legisladores.

O poder do christianismo, que tão nobremente se tem affirmado, desde os seus principios, na moralisação dos costumes, no impulso dado á civilização e em todos as manifestações da arte, na pintura, na musica, na architectura e na poesia, esse poder que, pelo que diz respeito a Portugal, tantos monumentos attestam e tantas paginas gloriosas da nossa historia demonstram, esse poder continuará a manifestar-se atravez dos tempos presentes e dos seculos futuros, resistindo a todos os embates, vencendo todas as perseguições.

Esse poder do christianismo está ainda a actuar nos proprios que mais se empenham em o destruir, ao mesmo tempo que dizem que a sua divisa é o bem da humanidade.

Quem lhes ensinou taes doutrinas, onde foram aprende-las?

Foram as mães que os ensinaram a resar, foram as mães que lhes incutiram na alma os principios da moral religiosa, que os educaram nos preceitos da virtude, colhidos, de geração em geração, nas maximas do christianismo.

Não querem o ensino da religião, mas sentem-lhes ainda os beneficios nas qualidades boas que muitos possuem e que eu não lhes contesto.

Entretanto, se o catholicismo se extinguisse, com effeito, no praso de duas gerações, creio que esses que manifestam tal esperança não seriam dos ultimos a mostrar o seu horror pelos resultados da sua obra. E' que só então se podia ver onde ia parar esse ideal do bem da humanidade e a que ficaria reduzido!

Pensem um pouco no que aconteceu ainda ha dias, durante o julgamento dos accusados politicos srs. dr. Carlos Lopes, Alçada Paiva e José Casimiro, e digam-me se a religião não teria no caso um papel de bondade a desempenhar, que é como quem diz um papel civilisador, uma missão de brandura e de acatamento pelas decisões da justiça e pelas nobres funcções que alli estiveram exercendo os srs. drs. Alexandre Braga, Cunha e Costa e os outros advogados de defeza.

A justiça não pode estar á mercê das más paixões dos homens nem da sua crueldade. Em caso de duvida, o perdão é sempre sublime ao passo que o castigo nunca deixa de ser horroroso.

Foi assim, depois d'um julgamento em que as paixões da multidão influiram, que Jesus Christo foi conduzido no Calvario e ahi crucificado, e é este o facto que a Semana Santa commemora, commemoração a que *Brasil-Portugal* se associa.

J. Nunes de Freitas.

No Calvario

Maria, com seus olhos magoados,
céus espirituaes, lavava em pranto
as largas chagas de Jesus, emquanto
ria ao pé um dos tres Crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
escondiam a dôr no casto manto.
Uma mulher de Hennon chorava a um canto.
Jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, os pingos de sangue, alva açucena,
dir-se-hia no bom seio recolhel-os.
Alguns riam, brutaes, d'aquella pena.

Salomé tinha um mar nos olhos bellos.
João fitava a Cruz — Mas Magdalena
limpava a Christo os pés com seus cabellos.

Gomes Leal.

Deixae vir a mim os pequeninos

NOLI ME TANGERE

(S. JOÃO XX. 17)

Desenho de D. Ramon Martinez de Pinillos

Tempo Santo

ÁS MÃES

Vinde a mim todos os que estaes fatigados e opprimidos, e eu vos consolarei.

(Palavras de Christo.)

QUANDO eu era criança, as festividades da *Semana Santa* eram revestidas de grande pompa e religiosidade. Não havia em Lisboa quem não se vestisse de preto e não frequentasse as igrejas com respeitosa devoção. Ninguem se metia n'uma carruagem e, se por necessidade urgente o fazia, corria as cortinas com vergonha de ser visto usando tanta commodidade na epoca em que se commemorava a dolorosa paixão de Jesus Christo. As ruas regorgitavam de gente. As senhoras, n'esses dias, não punham chapéus, envolvendo as cabeças em lindas mantilhas de renda preta, como querendo renunciar temporariamente a todas as vaidades ante a immensa grandeza de tão solemne recordação.

A pouco e pouco tudo isso desappareceu, e a religião foi banida das familias como uma superstição filha da ignorancia, que os seres instruidos não podem acceitar! Erro enorme que tem dado os mais funestos resultados, erro ao qual ainda ninguem mediu bem o alcance.

A minha opinião em tal assumpto é mais que insuspeita. As vicissitudes da vida adoeceram-me a alma, tornando-a quasi descrente, arrancando-lhe a grande consolação da prece e semeando n'ella a desolação: volvendo-a em terreno árido e triste onde não surge flôr. Tenho por isso, mais que ninguem, o direito de me insurgir contra a obra de destruição da religião catholica, por isso que, destruindo-a, não me privam a mim d'um bem. Não ha na minha alma movimentos apaixonados: ha apenas convicções profundas. A fé, qualquer que ella seja, é necessaria á alma; sem ella não ha nações grandes, porque não ha homens, e, se os não ha, a culpa é da maioria das mães, que ou criam herejes ou fanaticos e não sabem semear no coração dos filhos os preceitos de justiça e caridade, que só n'uma religião se encontram.

D'essa falta não posso eu acusar minha mãe.

A semente, lançada por mão que ella escolheu, mão como nenhuma veneranda, arreigou-se-me ao coração o bastante para saber o que é justiça, para respeitar todas as crenças, e lamentar as que perdi, desejando que todos as conservem para sua e alheia felicidade. Esta ideia de que a religião não é compativel com a Republica é dos maiores e mais inconcebiveis disparates que se teem propalado.

Quando as republicas são o que devem ser, quer se considere Christo um Deus ou simplesmente um homem, teem em todas as maximas sublimes de tão grande Mestre o seu melhor programma.

Por exemplo: «Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.»

O imperador Marco Aurelio affirmou:

«A forma suprema da virtude é estar sempre preparado para a morte.»

E quem estiver preparado para a morte, segundo a religião catholica, está nas melhores condições de vida.

E' indiscutivel.

O grande Pasteur dizia: «tenho a fé d'um aldeão porque sei alguma cousa; se soubesse mais, teria a fé d'uma aldeã.»

E eu creio que a perdi porque, como a maioria dos portugueses, desorientei-me a querer profundar aquillo que era superior á minha capacidade intellectual. Mas os que perderam a fé, perderam-na. Se são sinceros, talvez um dia a possam tornar a encontrar. O que não devem, porque é um crime monstruoso, é querer arrancar do coração dos outros esse sentimento puro e consolador, que faz heroes e martyres e eleva os homens no seu proprio conceito, dando-lhes uma vontade ferrea que nada pode vencer.

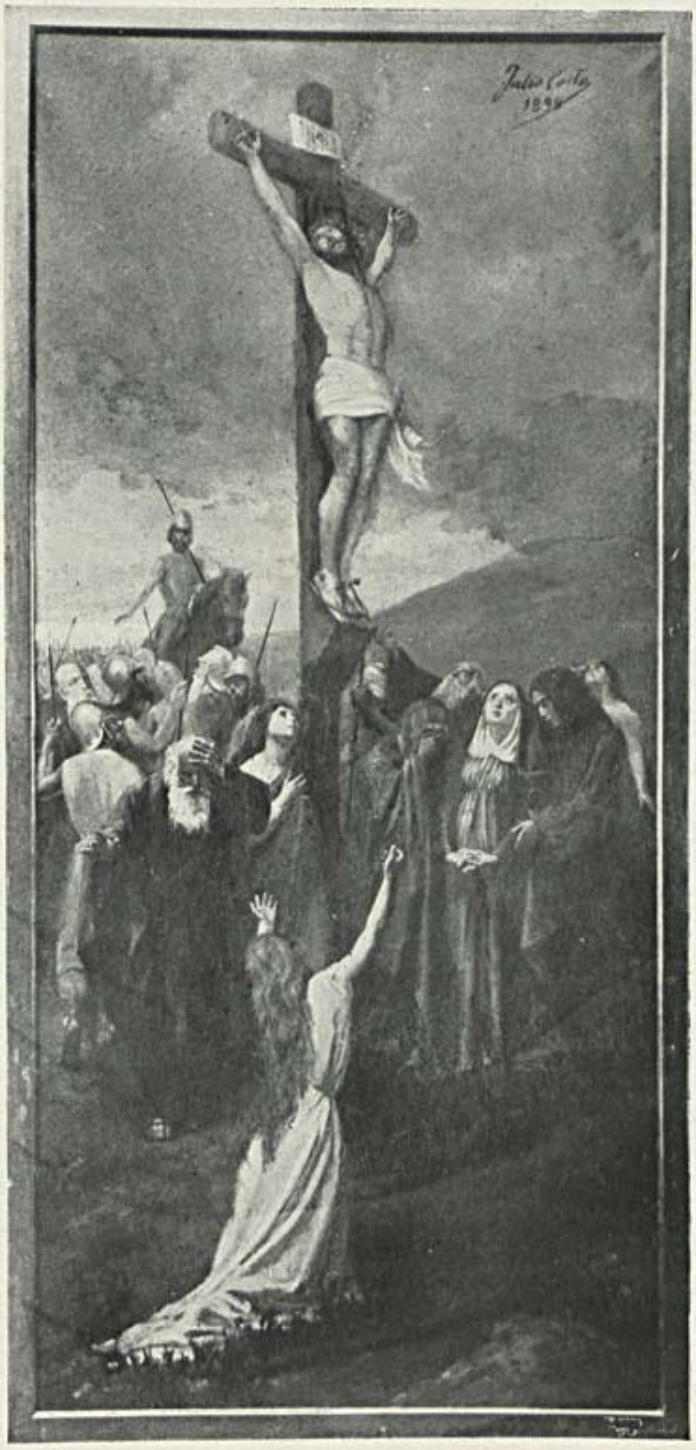
Todas as religiões toleradas e nenhuma perseguida: — é esta a verdadeira, a grande liberdade.

E como a belleza da religião catholica se impõe como nenhuma, não só pelos preceitos como pelas admiraveis phrases do ritualismo e magnificencia dos seus canticos, ha-de arreigar-se perduravelmente no coração dos portugueses, se as mulheres souberem ser mães, dando aos filhos a ideia de que todos teem, á imitação de Christo, a obrigação de dizer aos seus semelhantes: «Vinde a mim todos os que estaes fatigados e opprimidos e eu vos consolarei.»

E' das mães, unicamente d'ellas, que depende o futuro das nações. E se não souberem semear no coração dos filhos um ideal supremo, que se não deixe vencer pelos seus instinctos de animaes sempre em revolta, não haverá nunca homens. O egoismo proprio acabará por suffocar, no coração de todos, os sentimentos nobres e altruitas, pondo nos labios das criaturas educadas sem fé, palavras elevadas que as suas acções destruirão.

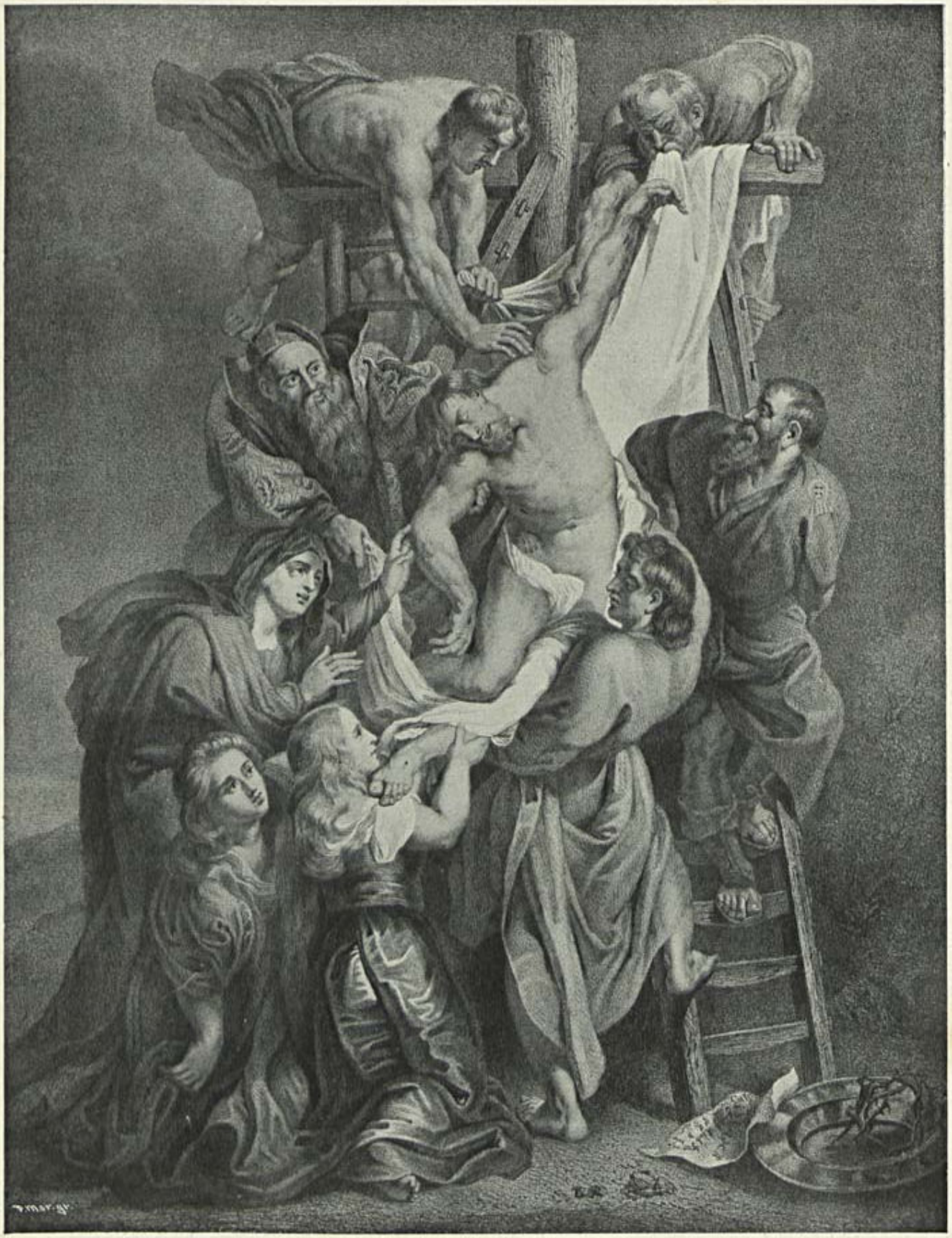
Depois, ainda que o maior anceio das mães seja que os seus filhos se tornem criaturas extraordinarias, dotadas

O Calvario



Quadro do pintor portuguez Julio Costa

O descimento da cruz



Quadro de Rubens, existente na Igreja de S. Jacques, em Antuerpia

de faculdades superiores, o que é certo é que a maioria dos homens precisam, por vulgares, de freio e direcção e, se a propria consciencia lh'a não impõe, tornar-se-hão féras promptas a despedaçar o semelhante.

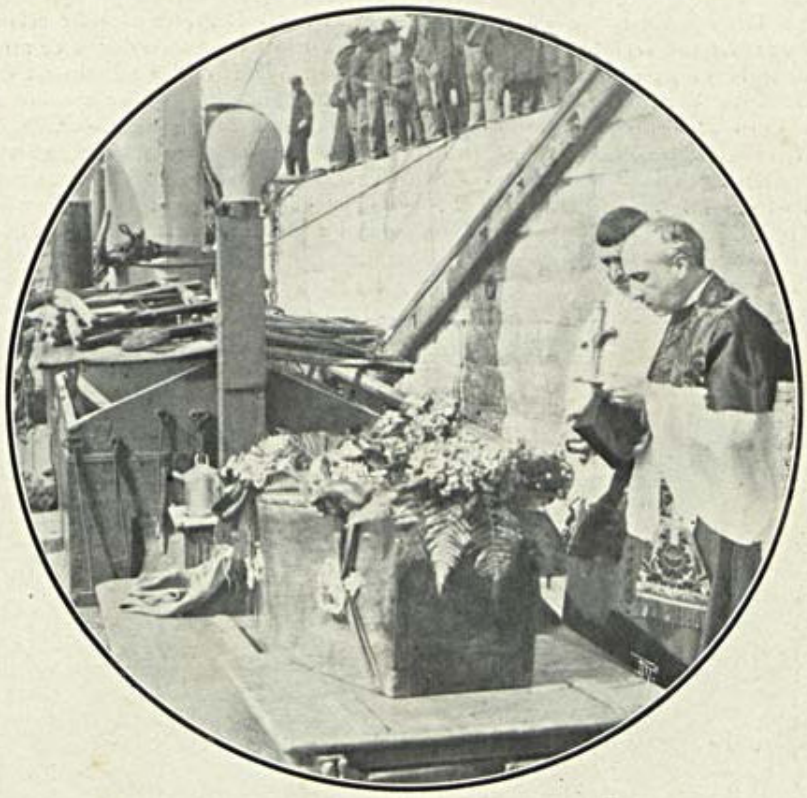
A' procura da commodidade, pensando em si e desdenhando dos outros, com um luxo de sibaritas sem ter de onde lhes venha, instruindo sem educar, as mães catholicas têem, nesta santa epoca do anno, mais do que nunca motivo para pensar no futuro que preparam aos filhos.

O Estado julgou, e muito bem, que não deve ter uma religião sua para não fazer imposições ás consciencias. E' justo, justissimo. Mas cabe por isso mesmo ás mães, mais do que nunca, a obrigação de nortear as consciencias dos filhos para que se bastem a si proprios e não se deixem desvairar pela corrente de opiniões sem base, que, com o pretexto de hodiernas e superiores, estragam a mentalidade do povo sem lhe tirar, no fim de todas as suas balofas philosophias, o eterno ponto de interrogação. Abençoados aquelles que correm aos templos, que fecham os ouvidos ás blasphemias e abrem o coração á fé. Esses podem derramar lagrimas de dôr, mas hão de sentir-se consolados e nunca uma revolta mais violenta do seu ser os levará ao suicidio. Disse Christo que ninguem póde possuir inteiramente a liberdade sem se renunciar a si mesmo: é o que ninguem faz. Por isso a liberdade ha de ser, por muito tempo, uma palavra vã.

Mães, se tivestes a paciencia de lêr estas palavras que, a proposito da *Semana Santa*, me brotaram espontaneas dos bicos da penna, não me julgueis uma criatura doutoral. Não o sou: tenho horror á especie. Sou uma pobre mulher, simples como vós, que quero para os meus filhos o que vos aconselho para os vossos, na esperança de que a Patria, que estremeço, possa ser chamada no futuro como o foi no passado: — Patria de heroes.

MARIA O'NEILL.

Funeral do antigo perfeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos



A bordo do paquete «Araguaya» onde falleceu o illustre brasileiro quando vinha de viagem do Rio para Lisboa

O padre encommendando o corpo

A arte não sómente exalta o coração, purifica o espirito e o fórma á sua imagem; ainda o regula, o ordena, e, pelo espectaculo da perfeição, põe nas nossas faculdades a medida e a harmonia.

Contemplando sem cessar as obras-primas do pensamento humano, tornamo-nos por fim mais ou menos capazes de bem pensar por nossa vez...

Martha.

Funeral do antigo perfeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos

Da esquerda para a direita: dr. Belfort Ramos, madame Belfort Ramos e a familia do illustre finado

(Phot. de ...)

A VIDA ELEGANTE

Duas festas muito elegantes pela sua deliciosa organisação artistica regista a chronica elegante da quinzena finda. Em casa de Madame Gerty Abecassis e do Snr. Jacob Abecassis realisou-se uma *soirée* litteraria e musical muito animada e interessante pela variedade dos numeros que constituiam o programma; Madame Maria Luiza Dotti e seu marido o sr. João Baptista Dotti Junior, offereceram ás pessoas das suas relações uma festa musical e dramatica que entre outros attractivos tinha o da collaboração de algumas senhoras da colonia allemã. — que em Lisboa é, como se sabe, numerosa e distincta.

cia pela forma como recitou, vestido a caracter, alguns trechos do *Cyrano de Bergerac*. Inflexões, attitudes, pronuncia, tudo em conjuncto determinou o brilhante successo que Paulo Vicente obteve, sendo portanto muito festejado com a maior justiça.

Abrilhantaram a festa, córos organisados e ensaiados pelo illustre maestro Augusto Machado. Confessamos que sentimos um prazer muito particular sempre que notamos nos programmas das nossas festas elegantes a preferencia pelos motivos nacionaes, — que os temos e em tudo dignos de serem aproveitados.

Na *soirée* de Madame Abecassis, os córos, compostos por algumas das mais gentis senhoras e distinctos rapazes da nossa sociedade, cantaram e com grande suavidade e delicadeza de expressão, as *Trovas ao luar* e o *S. João*, de Sarti, musica genuinamente portugueza, repassada d'aquella doce melancholia que caracterisa a inspiração populár; e uma producção de Augusto Machado, original e graciosa, que teve bello exito.

VIDA ELEGANTE

Jacob Abecassis

M.me Gerty Abecassis

A *soirée* de Madame Gerty Abecassis, solemnisadora do anniversario do seu marido, teve aspectos encantadores. Na parte musical, sua distincta nora Madame Maria d'Eça Leal Abecassis — que é um notavel temperamento artistico, um talento de rara maleabilidade e as sr.as D. Adelaide de Lima Cruz e D. Laura Sauvinet Bandeira, amadoras das mais distinctas, evidenciaram com grande brilho os seus grandes méritos. Dos collaboradores desse lindo programma citaram com razão os jornaes que se occuparam do facto. Miss Mabel Potter que é uma graciosissima ingleza, sobrinha de Madame Gerty Abecassis, que ha pouco veiu para Lisboa, não sabendo uma palavra de portuguez. A gentil *miss* deliciou os convidados de seus tios, recitando com grande correcção, no nosso idioma, uma das mais lindas poesias de Fernando Caldeira. Escusado será dizer que o exito foi completo, sendo miss Mabel Potter alvo d'uma ovação.

Paulo Vicente Eça Leal, filho do distincto escriptor sr. Francisco Xavier Eça Leal, tambem conseguiu enthusiasmar a assisten-

Outra nota interessante d'essa linda festa: dançaram-se alguns *bailes de roda*, dos que nas festas camponezas estão em maior vóga, nomeadamente *O estaladinho*, tão animado e de tão suggestiva alegria. Essas danças haviam sido préviamente ensaiadas, produzindo assim magnifico effeito. Na mesma noite, alguns pares dançaram *A mórna*, a celebre dança caboverdeana, tão graciosa e languida, que começa aqui a fazer o giro dos salões, em concorrencia com o *tango argentino*, que o snobismo implacavel, tenta importar do estrangeiro.

Resta dizer que todo este alegre programma foi executado n'um lindo e apropriado scenario. Madame Gerty Abeccassis e seu marido vivem n'um elegante palacete da Avenida Fontes Pereira de Mello, admirando-se nos seus salões algumas obras de arte, entre as quaes figuram bellos e valiosos quadros adquiridos no leilão da galeria de El-Rei o Senhor Dom Fernando, — esse alto e culto espirito a quem a arte em Portugal ficou devendo tantos e tão generosos impulsos.

No seu palacete da rua de S. Caetano a sr.ª D. Maria Luiza Doti e seu marido o sr. João Baptista Doti, proporcionaram a numerosas pessoas das suas relações algumas horas de inefavel prazêr, offerecendo-lhes uma festa musical e dramatica organisada com distinção. Como symphonia de abertura tiveram os convidados do sr. Doti, uma palestra litteraria do sr. Dr. Carlos Cilia acêrca da edade das flôres. O assumpto, como se vê, só podia sêr versado por um espirito delicado e subtil, que o vestisse de finas e perfumadas rendas. O sr. Dr. Carlos Cilia, que tem grandes méritos litterarios, assim o conseguiu, sem duvida pelo que foi muito applaudido. Esmaltavam esta palestra alguns versos do conferencista que foram ditos primorosamente pela sr.ª D. Bertha Guimarães, uma gentilissima senhora que tem evidenciado talento notavel, como cantôra e *diseuse* alliando a essas qualidades o encanto muito particular da sua formusura. A seguir, a sr.ª D. Candida Cilia, pianista distictissima, e os conhecidos professores srs. Ivo e João da Cunha e Silva interpretaram com grande brilho de execução, ao piano, violino e violoncello uma bella pagina de Mendelssohn. Cantou depois e muito bem mademoiselle Stock romanzas de Faure e de Wagner, demonstrando estar na plena posse de excepcionaes recursos de vocalisação.

Novamente se fez applaudir mademoiselle Bertha Guimarães dizendo versos de Augusto Gil e Louis Veuillot com encantadora graciosidade. A seguir o sr. Ivo da Cunha e Silva executou a *Humoreske* de Dvorak no seu violino, sendo justamente festejado; madame Sauvinet Bandeira, a distinctissima amadora de canto, deliciou a assistencia interpretando brilhantemente romanzas de Hahn e Chaminade; e com um bello trio de Rubinstein, em piano, violino e violoncello terminou a primeira parte. Serviram-se então o chá e gelados, começando pouco depois a segunda parte da interessante festa pela representação da comedia allemã *Der Hermliche Punsch* (o ponche ás escondidas) desempenhada por mesdemoiselles Marie Thieux, Maria Ignez Doti, Hedvíg von Mach, Nina Gaertner, Emma Stock, Maria Luiza Arriaga, Maria Luiza Doti e Margarette Eisen, tendo sido ensaiador o sr. Ernst Jockets.

O acto, cujo entrecho se resume n'uma esturdia de bonitas collegiaes foi representado com vivacidade e graça, interessando até os que não conhecem o allemão, tão expressivo era o jogo phisionomico dos interpretes e a sua communicativa alegria. Os applausos foram, portanto, como de justiça, muito enthusiasticos.

Depois da exhibição, muito interessante, de desenhos instantaneos feita pelo sr. Fritz Protsch, representou-se a comedia de Pinheiro Chagas *Quem desdenha*, que agradou plenamente, sendo particularmente notavel o desempenho que deu ao seu papel, em portuguez, uma distincta senhora allemã, Madame Anna Lohmann.

O ensaiador d'esta comedia foi o sr. Julio de Moraes e ponto o sr. Alberto Batalha Reis.

Como fecho de encantadora festa seguiu-se um animado baile.

O palco, levantado ao fundo do bello salão estava todo ornamentado com grandes folhas de palmeira, ramos de hera e lindos girasóes produzindo em conjuncto um bello effeito.

D. Maria d'Eça Leal Abecassis

Arthur Abecassis

Além d'estas duas festas, registram as chronicas elegantes, animadas partidas de *bridge* em casa dos srs. condes de Santar e da sr.ª D. Laura de Aguiar Peters; um jantar offerecido pelos illustres representantes do Uruguay em Portugal a Madame Olga de Moraes Sarmento a notavel escriptora portugueza, e um almoço de despedida offerecido ao novo secretario da legação de Portugal no Brazil, sr. dr. Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho, pela sr.ª D. Maria Candida Campos Henriques de Almeida d'Eça e seu marido o sr. Ruy de Almeida d'Eça. Festas muito elegantes e organisadas com a maior distincção, deixaram as melhores recordações, pondo uma nota embóra fugitiva de intensa alegria, na atroz semsaboria em que está christalisando a vida lisboeta.

L. T.

Teus olhos, contas escuras,
São duas ave-marias
Dum rosário de amarguras
Que eu rezo todos os dias.

AUGUSTO GIL.

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

VIII

AQUEM E ALÉM-MAR

Associações portuguezas no Rio de Janeiro — R. S. Club Gymnastico Portuguez.

SALIENTAM-SE, entre as numerosas associações portuguezas espalhadas por esta cidade, a Beneficencia Portugueza, o Gabinete Portuguez de Leitura e Club Gymnastico Portuguez. Das duas primeiras occupar-me-hei mais tarde, porque merecem, tanto uma como outra, um exame demorado e um consciencioso estudo, dos quaes resulte e se transmitta a convicção do que pode e do que vale a iniciativa, a força de vontade, a perseverança e o patriotismo de uma raça.

Analysar estas collectividades altruistas e benemeritas o mesmo é que reconhecer e admirar a intima cohesão entre o povo portuguez e o povo brasileiro.

Ellas são a demonstração real de que se perpetuam pelos tempos fóra as mesmas qualidades ethnicas de um e de outro povo e que se o portuguez tem tanto e tão radicado o amor patrio que consegue exteriorisal-o por tal forma e eleval-o a proporções taes, é nesta formosa capital, á sombra da bandeira brasileira, entre os seus irmãos brasileiros, sob a acção benefica da lei brasileira, hoje como hontem, na Monarchia como na Republica, que essas instituições de beneficencia, de instrucção e de desenvolvimento physico, nascem, crescem, prosperam, affirmam e exemplificam as qualidades altruistas de um povo que, ausente do seu paiz, pretende honral-o e continual-o pelo espirito associativo, generoso e utilitario, das classes laboriosas.

Separem-no muito embora dissenções politicas, dividam-no opiniões radicaes sobre formas de regimen ou sobre personalidades em fóco, discutam, irritem-se, procurem uns supplantar os outros em affirmações de principios, queimem estes e aquelles os ultimos cartuchos pelas côres da bandeira que mais amem e que seja para elles augusto symbolo da patria distante, que por muito que a politica consiga dividir os portuguezes que cá vivem, o que não conseguirá nunca, nem ella nem qualquer força humana, é anniquilar esta poderosa força patriotica, este espirito de collectivismo pratico, esta fecunda e superior qualidade da raça portugueza, que tem nas associações do Rio de Janeiro a sua mais alta e mais nobre expressão.

•

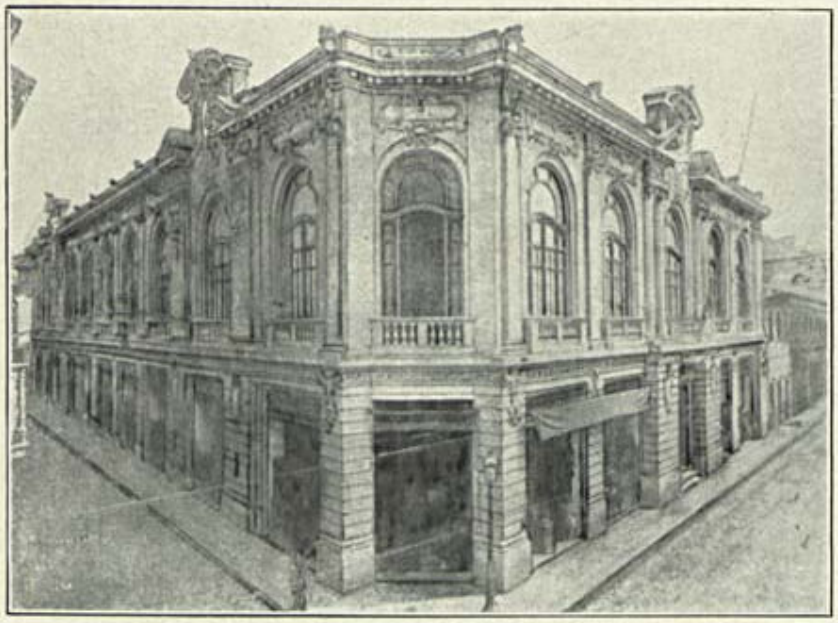
A. R. S. Club Gymnastico Portuguez, aquella que celebrou ha pouco o seu 44.º anniversario, é a demonstração viva destas affirmações.

São dignas de ponderada observação a creação desta collectividade e as phases porque tem passado. Que interessantes considerações se não podem deduzir do confronto desta com a sua similar de Lisboa! E' que não tendo a mesma filiação, porque nasceram ao mesmo tempo, uma no Rio e outra em Lisboa, em tudo mais se pódem considerar gemeas, na edade, na semilhança, na origem de que procederam, nos intuitos com que iniciaram a sua missão, nos fins que attingiram.

Pelos cerebros de tres homens modestos, em Lisboa e no Rio, aqui João e Antonio Ferreira da Costa, lá o professor Monteiro, passou ha 40 e tantos annos uma idéa luminosa — tornar forte pelos exercicios physicos a geração que começava. Essa transmittiria á que se lhe seguisse a vitalidade e a robustez conquistadas, e todos dahi em diante continuariam e aperfeiçoariam os processos e methodos lançados pelos iniciadores. Era excessivamente rudimentar tudo o que havia, lá e cá, em manifestações e exercicios de força physica.

A gymnastica no Brasil e em Portugal, estava na infancia. E comtudo, a Inglaterra, a Suissa, e principalmente a Scandinavia e outros povos sptentrionaes já por tal maneira a tinham desenvolvido, que não bastava o clima sadio para explicar a apparencia robusta e a força physica dos habitantes dessas regiões européas. Parecia que só Portugal e o Brasil se mostravam alheios ao movimento sportivo, e, se havia nação que precisasse estimular os seus filhos para a vida e para o trabalho, cultivando-lhes o cerebro e desenvolvendo-lhes os musculos, nenhuma como qualquer destas duas. Portugal que quarenta annos atraz batalhava aguerrido e forte nas luctas da liberdade, repousava então na calmaria de uma paz podre. E os portuguezes, como succede a todos os orgãos longo tempo privados do exercicio das suas funcções, sentiam-se amollecidos, quebrantados. Tornava-se indispensavel um estímulo, um reagente, uma força estranha que produzisse a reacção, que désse expansão aos nervos, vigor aos musculos, rijeza ao organismo. Era preciso fazer de uma geração debilitada uma geração forte, era forçoso que pela acção frequente dos exercicios corporaes todos os organismos

RIO DE JANEIRO



Fachada do edificio do Club Gymnastico Portuguez

O architecto Alfredo Terra, auctor do projecto do edificio do Club Gymnastico Portuguez

adquirissem vitalidade de fórma que o proprio cerebro se tornasse mais apto para receber e assimilar a instrucção que parallelamente se ia espalhando e aperfeiçoando pelo mundo fóra. *Mens sana in corpore sano* era a divisa que a Europa culta e a America do Norte tinham escripto na sua bandeira do progresso humano.

Pelo que toca ao Brasil, aqui mais ainda do que lá, se tornava uma necessidade o culto pratico dos *sports*. Aqui a vida é dura e mais aspera a torna ainda o clima nesse largo periodo em que o trabalho humano é regado com o suor do corpo destilado nessas interminaveis horas de calor intenso em que a natureza se esbraseia, para ao mesmo tempo debilitar a força do Homem e enrijar a da Terra. Aqui, mais do que em qualquer outra parte, é absolutamente preciso que o organismo se retempere, que as forças reduzidas adquiram toda a vitalidade, para a resistencia e para a lucta. Essa força, bastam para refazel-a e avigoral-a, os exercicios physicos.

Tudo isso viram, sentiram e comprehenderam, no Rio e em Lisboa, esses tres homens modestos, e, desde o momento em que a idéa, ao mesmo tempo luminosa e patriotica, lhes atravessou o cerebro, metteram mãos á obra. E Antonio Monteiro, em Lisboa, e os dois Costas no Rio, fundaram os Clubs Gymnasticos.

O que essas duas instituições teem sido, os sumptuosos edificios que, em Lisboa como no Rio de Janeiro, constituem hoje as sédes de ambas, os serviços que ellas teem prestado, lá como aqui, a toda a sociedade portugueza e a toda a sociedade fluminense, ou melhor, a toda a sociedade brasileira, os variadissimos *sports*, que d'essas duas collectividades teem sahido, a larga percentagem de força e de robustez com que ambas teem concorrido para o desenvolvimento physico da nossa raça, e por conseguinte, para o seu desenvolvimento intellectual, a vastissima escala em que uma e outra teem contribuido para tantos milhares de festas publicas, quer de beneficencia, quer de apotheose, quer de regosijo nacional, as centenas de milhões que no decurso de mais de quarenta annos têm feito desfilar aos olhos das gerações que se succedem, creando progressivamente desde a primitiva gymnastica até ao automovel moderno, novas e sempre variadas fontes de receita ao commercio e á industria, não só na especialidade mas em todos os ramos da vida social, tudo aquillo em que tão largamente tem beneficiado a Moda, o Luxo, a Arte, a Esthetica, a Civilisação emfim, o que prova tudo senão o que os tres humildes portuguezes, que fundaram ha quasi meio seculo os Clubs Gymnasticos de Lisboa e do Rio de Janeiro, foram tres predestinados, tres cidadãos que bem merecem quantas homenagens lhes sejam votadas, porque todas são poucas e deficientes perante o altissimo serviço prestado por elles ás duas patrias irmãs.

*

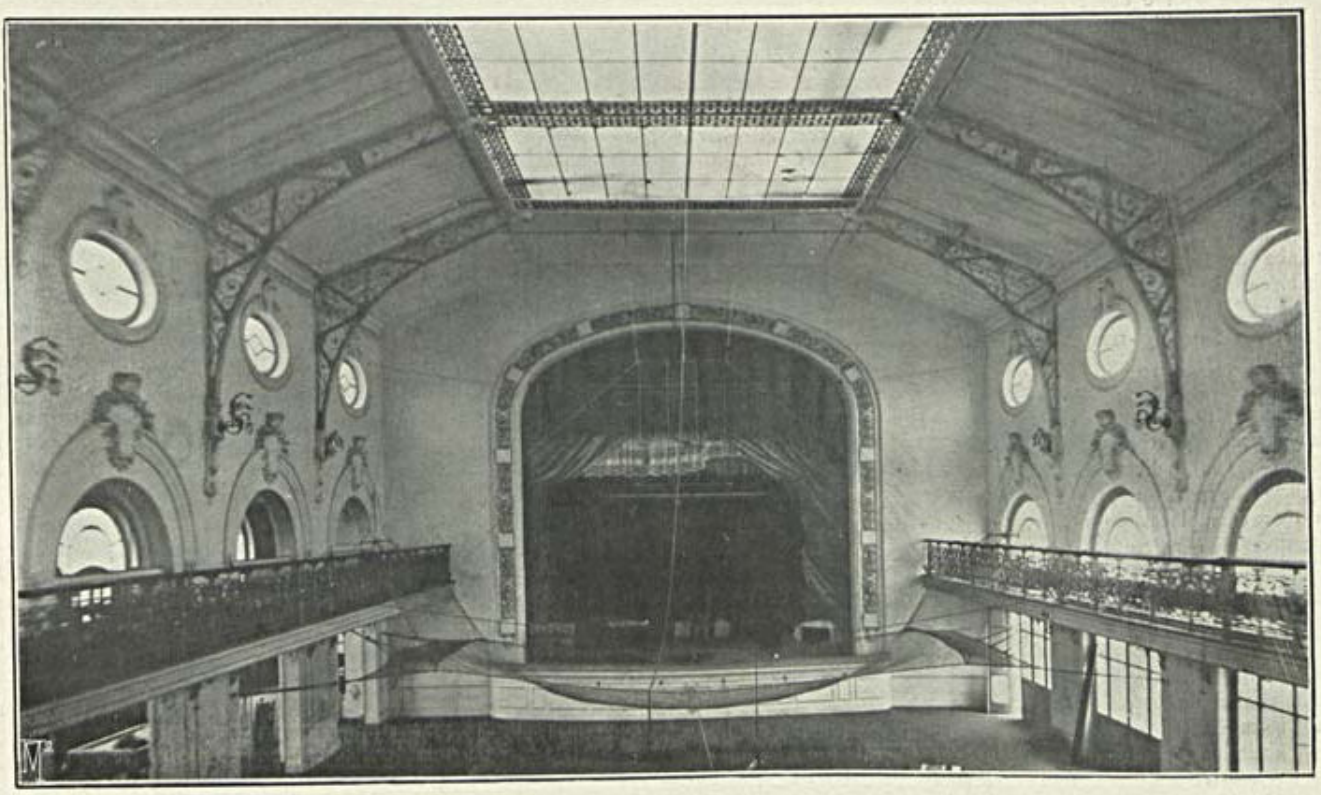
Ah! Eu comprehendo bem o contentamento daquelles que ha pouco capricharam em celebrar por fórma condigua o 44.º anniversario da fundação da Real Sociedade Club Gynastico Portuguez. Comprehendo bem o jubilio com que os Portuguezes de hoje, os dedicados socios do club, com o seu presidente na vanguarda, o Sr. Magalhães Pacheco, collocaram em logar assignalado essas duas lapides que perpetuarão a memoria dos fundadores. E estou a ver daqui o prazer com que elles ligaram na mesma homenagem com os nomes desses iniciadores modestos: um negociante obscuro e um correeiro tão obscuro como elle, os nomes dos directores que erigiram o gradioso edificio actual, e dos outros ainda cujos bustos em bronze foram ha tempo inaugurados em reconhecimento dos seus serviços, e que eu tenho o prazer de registar aqui: Augusto da Rocha Monteiro Gallo e José Teixeira Novaes.

Tres datas symbolicas e gloriosas foram, nesse dia commemorativo, festejadas: 1861 a fundação — 1876 a concessão pelo Rei D. Luiz, seu patrono, do titulo *Real Sociedade*, — 1911 a inauguração do edificio social. Começou com dezoito socios, hoje tem milhares. Ao abrir tinha em caixa 178$820. Ha dous annos subia a cerca de 300:000$ o seu patrimonio. No inicio funccionou nos fundos de uma venda. Hoje tem por séde um palacio.

Devem amar esta instituição portugueza todos os que amam Portugal.

Rio de Janeiro

JAYME VICTOR.



Salão nobre do edificio do Club Gymnastico Portuguez do Rio de Janeiro

PENSAMENTOS

Como podemos aprender a conhecer-nos? Nunca pela meditação, mas sim pela acção. Procura fazer o teu dever, e saberás o que vales. Mas qual é o teu dever? A tua obrigação d'esse dia.

*

Gœthe.

Sem a imaginação, o homem é um bruto.

Napoleão.

POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXIV

Em casa da familia Silverio

Eu não sei se já lhes fallei alguma vez na familia Silverio, onde costumo ir aos sabbados dár á perna ao som d'um piano fanhoso, que faz as delicias d'aquellas reuniõesinhos semanaes, e o martyrio da D. Conceição Varella que mora no primeiro andar e soffre de enchaqueca. Mas se não lhes fallei não tem sido por mal e dessa falta me penitenceio hoje apresentando essa illustre familia que um sopro fagueiro de ventura guindou ultimamente ás culminancias da celebridade, pela ascenção do respeitavel Sr. Silverio a uma alta posição burocratica e politica. S. Ex.ª é chefe de duas repartições, chefias estas que acumula ainda com a de chefe de familia e chefe do grupo recreativo Arte e Folguedo.

Mora a familia Silverio para as bandas da Estephania, n'um arejado segundo andar muito lavado d'ares, onde nas tardes abafadiças de verão o illustre dono da casa saboreia, sentado na varandinha da saleta, o seu charuto de 60 réis forte, enlevando o espirito em altas cogitação da politica philosophica.

De abdomen proeminente e rosto avermelhado, o sympathico Sr. Silverio fôra nos tempos do rotativismo um dos mais ardentes admiradores de Hintze quando este estadista estava no poder, não regateando tambem o seu melhor enthusiasmo pelo conselheiro José Luciano sempre que os progressistas se encontravam de posse das redeas da governação publica. E quando João Franco formou governo a sua dedicação franquista chegou a tão excessiva embriaguez que passava os seus dias á porta do ministerio do reino com tres exemplares do *Illustrado* debaixo do braço, garantindo que estava ali para, se preciso fosse, dar a sua vida.

Pois o Sr. Silverio é hoje um entusiastico democratico, embora em 4 d'outubro sorrisse incredulo aos primeiros tiros da revolução, porque — dizia elle gravemente espreitando pela janella da cosinha — o paiz era liberal sim (S. Ex.ª n'essa occasião estava filiado no Sr. Teixeira de Souza) mas não republicano.

Na manhã de 6, porém, o Sr. Silverio depois de se assegurar pela leitura de todos os jornaes que o *yacht* «Amelia» ia longe e que Couceiro já não estava a cavallo, correu pressuroso ao ministerio do Interior onde commovido cahiu nos braços do sr. Antonio José d'Almeida affirmando, com as lagrimas nos olhos, que era o dia mais feliz da sua vida aquelle em que estreitava as costellas illustres do grande libertador do povo portuguez.

Quando vieram as eleições pôz-se incondicionalmente ao dispôr do sr. Brito Camacho por que convencera-se por uma ordem de razões que explicava com grande abundancia de conceituosas phrases, que o director da *Lucta* era o mais poderoso cerebro da republica portugueza; phrase que passsou a aplicar ao chefe dos democraticos assim que este politico formou gabinete, affirmando no Centro de S. Carlos, onde logo se foi inscrever, que *emfim respirava-se!*

E realmente o Sr. Silverio que já respirava menos mal, passou e respirou muito melhor, trepando pela escala burocratica com rapidez vertiginosa.

Pois no ultimo sabbado lá estive na reuniãosinha da familia Silveira ouvindo o piano fanhoso e os discursos entusiasticos do dono da casa, homenageando o governo, o que ia provocando um conflicto com o dr. Amadeu, reaccionario impenitente, que diz sempre theatro de D. Amelia e praça do Principe Real.

As meninas Silverios estavam encantadoras. A mais velha, a D. Genoveva, cheia de *chis-chis* entremeados de fitilho verde, ostentava sobre o seio magro uma medalhinha com o Rei D. Manoel de corda ao pescoço, galanteria que fez soltar exclamações jubilosas ao sr. Ventura, intrepido carbonario e antigo fornecedor de calçado da casa real.

— Bôa piada, D. Genoveva, bôa piada essa de ter enforcado o pequeno...

— Então ainda não tinha visto? Pois olhe a irmã do *Arturo* já tem uma ha uns poucos de mezes.

O Sr. Ventura não tinha visto a da irmã do *Arthuro*. E para me fazer arreliar (porque o sr. Ventura é muito pandego) chamou a minha attenção para o collo da D. Genoveva.

— Olhe-me p'r'áquillo?

Eu que não sabia do que se tratava, reprehendi encavacado:

— Seja decente, homem.

Foi nessa noite que por volta das dez horas eu tive a honra de ser apresentado á D. Voluntaria Souza, nome que, confesso, soou mal aos meus tympanos pouco affeitos ás nomenclaturas do progresso. E não occultando a estranheza do nome, soube então que a D. Voluntaria não o era de baptismo, mas que assim se tinha chrismado civilmente, em homenagem aos seus principios radicaes e feministas.

A illustre madame era nem mais nem menos do que presidente da *Concentração das Ligas Femininas*.

Conversámos. Eu concheguei-me modestamente no fundo d'um fauteuil, porque o acanhamento invade-me sempre que encontro um espiririto tão aberto ao progresso como o de D. Voluntaria Sousa. A illustre dama confiou-me então, alguns dos seus projectos sobre a emancipação da classe — como judiciosamente a presidente das Ligas Concentradas classificou a causa que a tinha por defensora.

— Estamos á espera de Bernardino para começar com mais intensidade os nossos trabalhos, porque o grande diplomata é para nós, feministas, alguma coisa mais do que um apostolo fervoroso E' tambem um dos verbos mais inflamados que a nossa causa tem.

Concordámos, prestando homenagem ao correligionario de D. Voluntaria.

— O lemma que ultimamente adoptamos na nossa bandeira — uma *folha d'era*, com os dizeres: *morro onde me prendo.*— continuou a varonil senhora — foi dedicado ao nosso illustre ministro no Rio de Janeiro.

— Sim?

— Sim, sr. Como sabe, esse nosso amigo está longe e não hão-de faltar pretendentes lá fóra a querer adquiri-lo para as suas aggremiações. Receámos perdê-lo e então resolvemos recordar-lhe com a folha d'era que, tendo-se primeiro prendido a nós, comnosco havia de morrer.

Applaudi a ideia.

No piano, a D. Fausta Silverio tocava a valsa da *Viuva Alegre* com tres compassos da *Portugueza*, mimosa inovação do sr. Ventura, que era um apaixonado — como elle confessava,— pela arte do grande cidadão Wagner.

E, emquanto na sala de visitas com a mesa grande cuidadosamente arrumada a um canto, valsava o *Arturo* e a mana da medalhinha, eu fui ouvindo da boca esburgada de D. Voluntaria Sousa as suas esperanças futuras no avanço da causa:

— Dentro de duas gerações havemos de ter triumphado por completo, fique certo. Seremos então absolutamente eguaes aos homens.

— Mas n'esse caso, deixa de haver mulheres, — interrompi, abysmado.

— Não deixa, não sr. Pelo contrario. Deixa mas é de haver homens, ou para melhor dizer, homens com regalias differentes da mulher. Alcançaremos, emfim, o nosso *desideratum*: unisexuar a humanidade.

— Mas D. Voluntaria...

— Ah! o sr. não gosta, não admira. O egoismo dos homens...

— Não, nada d'isso, D. Voluntaria, a unica duvida...

— Bem sei. Advinho já o que vae dizer-me. Que os srs. hão-de oppôr-se, que protestam, que teem muita força, e outras phantasias semelhantes.

— Não, D. Voluntaria, não é bem isso. A minha duvida está na fórma... na realisação, comprehende a madama?

— Na realisação?

— Sim. Na maneira de conseguirem isso. Na fórma pratica, de effectivar essa medida. Comprehende a D. Voluntaria que isto de fazer de dois sexos um só, é assim algo bicudo...

A D. Voluntaria então olhou para mim com soberano desdem:

— Ora essa! E' só questão do Affonso Costa querer... Manda fazer o decreto, publica-o no *Diario do Governo*, e o nosso paiz fica logo todo unisexuado!

Realmente eu não me tinha lembrado d'essa poderosa circumstancia. E, quando sahi de casa da familia Siverio vim a scismar no caso, pensando se realmente o decreto não teria já sahido...

CHRISPIM.

LUIZ CAILLETET

Morreu, em janeiro proximo passado, na idade de 81 annos, o illustre sabio francez Luiz Cailletet, cujas aturadas investigações scientificas são universalmente conhecidas.

A elle se deve a liquefacção dos gazes até então chamados «permanentes», sendo a mais notavel a do hydrogenio.

E' pela expansão d'esses gazes liquifeitos que se conseguem obter as mais baixas temperaturas. Entre as applicações mais correntes d'esta propriedade, destaca-se a do acido carbonico liquido, tão frequentemente empregado para a refrigeração das camaras onde se conservam por largo tempo varias substancias de facil e rapida decomposição ao ar livre, onde se manteem outras a um grau conveniente de temperatura, etc.

Além d'esta importante descoberta, muitos outros trabalhos de elevado valor se devem ao homem de sciencia que ha pouco acaba de desapparecer.

Cailletet é uma das mais lidimas glorias da França, e o seu nome hade passar á posteridade.

IGNOTO DEO

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
E's: — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz... e treva,
Em que — indistinctas! se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sopro creador
Tudo o mais, o ha de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veio.
Belleza és tu só. Não creio
Senão em ti; o ôlho nú
Do homem não vê na terra
Mais que a duvida, a incerteza,
A fórma que engana e erra.
Essencia! a real belleza,
O puro amôr — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os póde ver
O que inspirado se affasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despidos
Das cousas vans e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida tem. E se, consagrado
A teu altar, me prostro, e combatida
Existencia aqui ponho; aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti voou e em ti só espera.

A. GARRETT

(Das *Folhas caidas*).

DOLORES

(DE CAMPOAMOR)

Na passagem do enterro de uma menina de dezeseis annos

Carolina, pobre amiga,
Oh! jámais te hei de olvidar!
Eis o que a gente dizia
Quando o enterro ia a passar:

Um padre: — Comece o canto.
O doutor: — Já não padece.
O pae: — Afoga-me o pranto!
A mãe: — Meu Deus! se eu morresse!!...

Um rapaz: — Tão enfeitada!
Um mancebo: — Era tão bella!
Uma joven: — Desgraçada!
Uma anciã: — Feliz foi ella!

— Dorme em paz! — Os bons repetem.
— Adeus! — dizem os demais.
Um philosopho: — Um de menos.
Um poeta: — Um anjo mais!

BULHÃO PATO.

THEATROS

THEATRO DA REPUBLICA

Rosario Pino e o sr. Visconde de S. Luiz Braga
(Phot. de ...)

THEATROS

Chronicas theatraes

Primeiras representações

Nacional. — *Marcha Nupcial*, 4 actos, de Henry Bataille, traduzidos pelo sr. Mello Barreto.

Henry Bataille era accusado pela critica de, nas suas peças anteriores a *Les Flambeaux*, preferir propôr problemas a resolvel-os, sendo as suas obras, de alguma maneira, uma confissão philosophica, feita dia a dia, interessando o espectador nas suas pesquizas, nas suas proprias hesitações, e tudo isto sem grande convicção. Com *Les Flambeaux*, Bataille marcou uma nova *étape* na sua ascenção psychologica, agitando n'essa peça varias questões, veladas propositadamente por meias tintas, dando-lhe aspectos artisticos mais seductores. Agora, na *Marcha Nupcial*, o dramaturgo é mais resoluto e com suprema arte, pois que é um dos maiores talentos litterarios da França e como verdadeiro poeta que é, apresenta-nos um drama sobrio e em que as figuras são desenhadas com tanta verdade, com tal nobreza e sinceridade, que nos empolgam, fazendo-nos soffrer as suas proprias dôres.

N'esta obra prima, trasladada para portuguez pela penna experimentada e elegante de Mello Barreto, que lhe conservou todas as bellezas litterarias do original, Bataille traça o calvario doloroso de uma pobre rapariga, sonhadora e impulsiva, uma alma doente e tocada de degenerescencia moral, que arrancando-se a um incipiente mysticismo se refugia n'um desgraçado e fatal amôr.

Graça de Plessans (Palmyra Torres), vive n'uma cidade da provincia, no seio da sua familia, abastada e rigida de preconceitos sociaes. Ahi, apaixona-se pelo seu professor de piano, um pobre rapaz, tímido, mal posto, mas infeliz, porque aspira a um ideal — a gloria — que está longe de attingir. Como a familia de *Graça* se oppõe a casamento tão desegual, os namorados fogem para Paris, refugiando-se ahi nos quartos de uma *pension* de quarta cathegoria. Começa ahi a lucta intensa para a pobre criança, tão amimada até então. *Graça* sugeita-se heroicamente ás pequenas miserias do pobre menage e ao desaconchego d'aquellas paredes vulgares e nuas. Com a coragem que lhe imprime o seu grande amôr, ella prepára pelas suas mãos patricias as summarias refeições e tenta pôr uma nota florida n'aquelle meio banal. No entanto, a miseria não a acabrunha. Quer reagir e luctar. Recorda-se de uma antiga condiscipula do convento, onde fôra educada, *Suzana*, hoje casada com um rico industrial; e, sem hesitações, vae com o seu amante, *Claudio Morillot* (Carlos Santos), pedir auxilio á sua amiga. Esta tenta demover o marido, *Rogerio Lechatelier* (Antonio Pinheiro), que afinal admitte *Claudio* no escriptorio da sua fabrica.

Claudio, porém, não sabe esperar; ha uma lacuna que elle julga indispensavel preencher para a felicidade de *Graça:* falta-lhe o piano. E *Claudio*, obsediado por esta ideia fixa, commette no escriptorio uma indelicadeza — apodera-se de uma pequena quantia, uns trinta e seis mil réis, e com esse dinheiro aluga um piano e fal-o transportar para o seu quarto.

Mas o roubo descobre-se e *Graça* soffre um abalo profundo no seu amor cego, immenso. E' uma desillusão tremenda. Ella sabia que *Claudio* era um timido, um ser fraco, sem iniciativa, e por isso mesmo lhe consagrava um amor, em que havia muita commiseração. Mas d'ahi a cair na degradação de commetter uma baixeza, havia um abysmo. Com este horrivel abalo moral começa o desmoronamento do seu ideal. *Rogerio Lechatelier*, o patrão de *Claudio*, producto natural do seu meio, fascinado pela belleza de *Graça* e sabendo-a debater-se nas malhas asfixiantes da miseria, persegue-a, fazendo-lhe um cerco insistente e pertinaz. A resistencia da pobre creança mais excita as velleidades do endurecido conquistador.

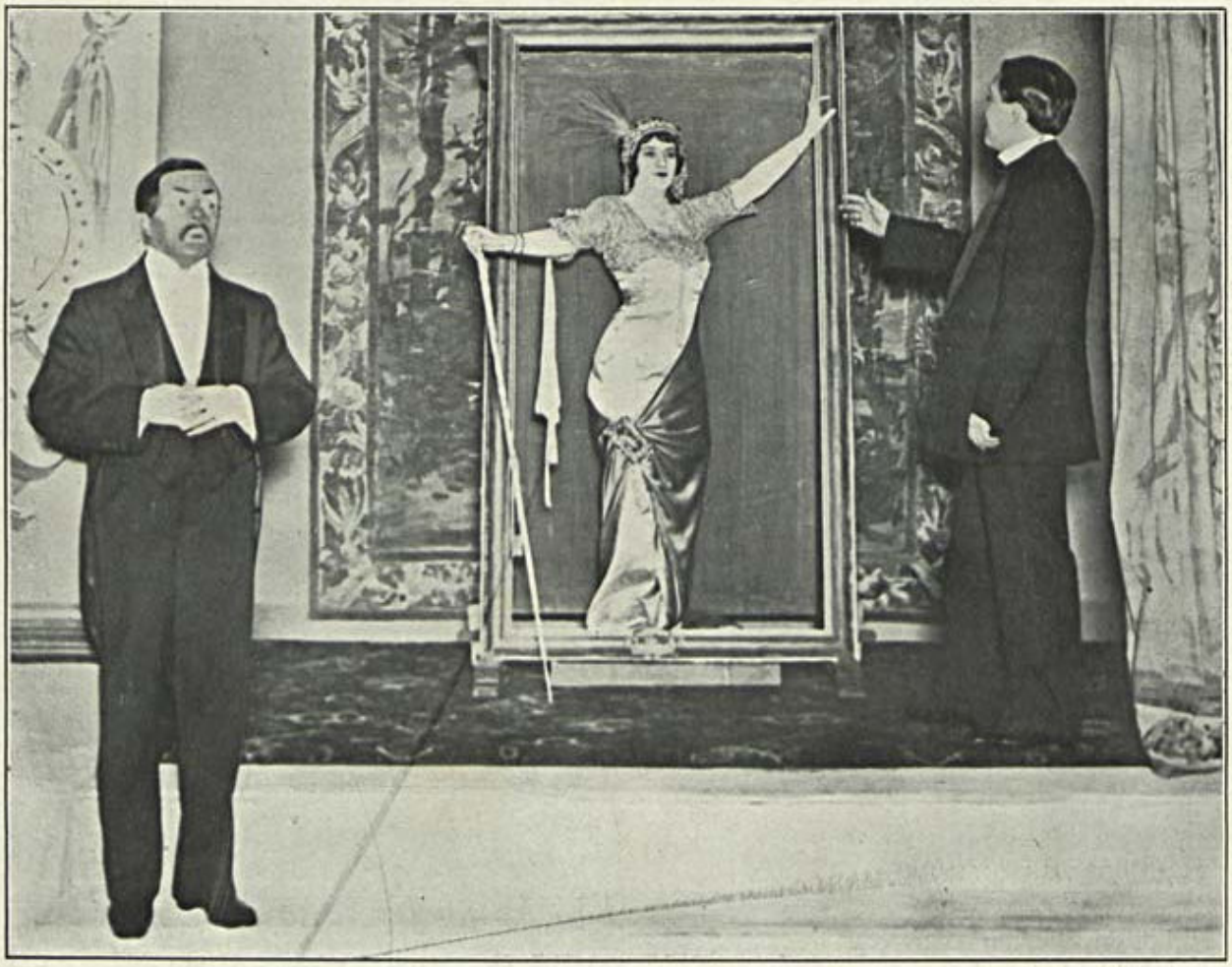
Graça, sente-se profundamente infeliz, tanto mais que já lhe falta o apoio heroico do sentimento sublime, que até ahi a amparára — a sua paixão por *Claudio*, cuja imagem, gradualmente se tem ido diluindo até se desfazer em farrapos. Com todo o seu orgulho de raça, toda a sublimidade da sua alma de eleição, para não ceder, para conservar toda a sua inteireza moral, *Graça* só encontra uma solução — a morte. E refugiando-se no quarto interior ahi desfecha contra si um tiro de rewolver, emquanto o pobre e insignificante *Claudio Morillot* dedilha ao piano um trecho banal.

Este desenlace é logico, estando longe de ser um *truc* banal de theatro.

A *Marcha Nupcial* é um drama sobrio e commovente, sendo as suas figuras profundamente humanas.

Palmyra Torres, na interpretação de *Graça de Plessans* tem um soberbo trabalho artistico, realisando, em todos os seus pormenores e em linhas nitidamente desenhadas, a personagem, tão luminosamente

THEATRO DA TRINDADE



O ultimo quadro da «Dama Roxa» (Phot. de A. C. Lima)

idealisada por Bataille. Impregnou de um suave mysticismo aquella dolorosa figura de mulher, sabendo traduzir com suprema delicadeza todas as altas e nobres emoções que a conturbam. Palmyra Torres com a sua interpretação da *Marcha Nupcial* conquistou *par droit de conquête* o seu logar na galeria das primeiras actrizes portuguezas.

Todos os nossos collegas se esqueceram da pequena *Nely Lechatelier*, personagem episodica que entra apenas no 1.º acto. Pois a incipiente actriz que a exteriorisou, Celeste Leitão, merece referencia especial, tal a gentileza e naturalidade com que a interpreta. E' dever da critica incitar as vocações intelligentes.

SALÃO DA TRINDADE

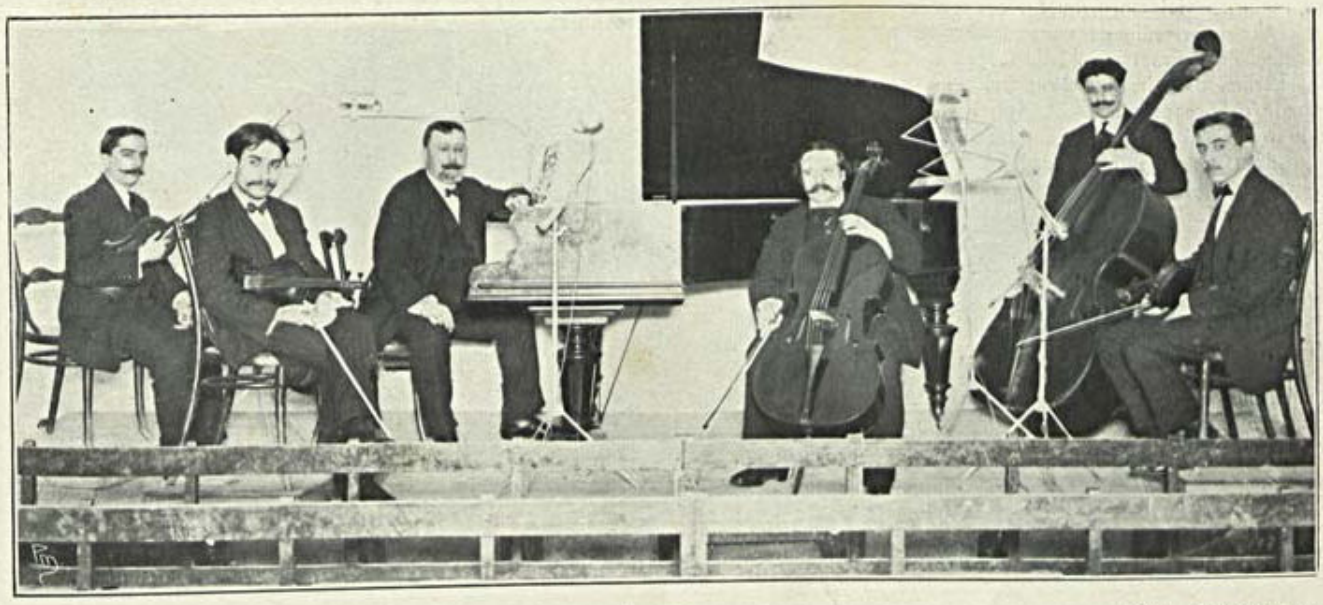
O concerto do dia 9 do corrente

Carlos Santos, compoz a figura difficil e perigosa de *Claudio*, o visionario inconsciente e infeliz, que se deixa arrastar pelo turbilhão da vida, com grande correcção e consciente relevo. Dissémos perigosa personagem e assim é, pois para lhe exteriorisar as deficiencias moraes e conseguir não cair no ridiculo, só o pode alcançar quem tenha talento. E Carlos Santos conseguiu-o n'um trabalho honesto, intelligente e de incontestavel valor.

A *Marcha Nupcial*, esses quatro actos encantadores, de uma acção empolgante e incisiva, impregnados de um lyrismo translucidamente bello, mercê da interpertação superior das suas principaes figuras e da honestidade litteraria do traductor, obteve no nosso Theatro Nacional a consagração devida ao poderoso talento do grande dramaturgo Henry Bataille.

FERREIRA MENDES.

SALÃO CENTRAL



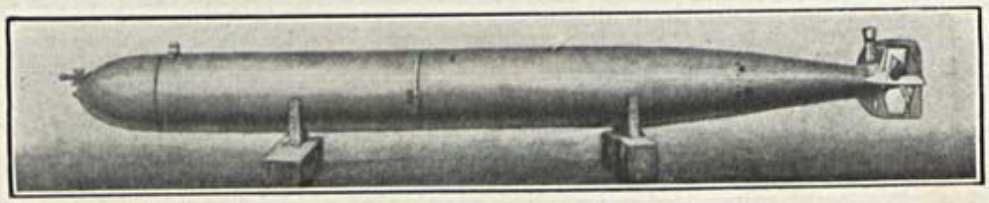
O sexteto (Phot. de A. C. Lima)

ASSUMPTOS MILITARES

Torpedo-peça Davis

É geralmente sabido que o torpedo automovel — cujo modelo mais conhecido é o Whitehead — projectado pelos tubos lança-torpedos dos grandes navios de combate ou dos barcos torpedeiros, consiste essencialmente n'um envolucro metallico fusifórme, movido por uma helice propulsora e mantido n'uma direcção e profundidade de antemão reguladas, por meio de disposições especiaes em extremo engenhosas.

Assumptos militares



O torpedo-peça Davis

A parte anterior do torpedo contém uma fortissima carga de algodão-polvora, cuja explosão é determinada por uma espoleta de percussão, ao chegar ao contacto do navio inimigo.

Contra esta especie de torpedos, que tem por fim abrir rombos abaixo da fluctuação, por onde penetre a agua do mar, empregam-se, como defeza, as rêdes metallicas Bullivan, estendidas ao longo do costado do navio, quando em estação ou animado de fraca velocidade, e a construcção cellular, cujo effeito é localisar a invasão da agua.

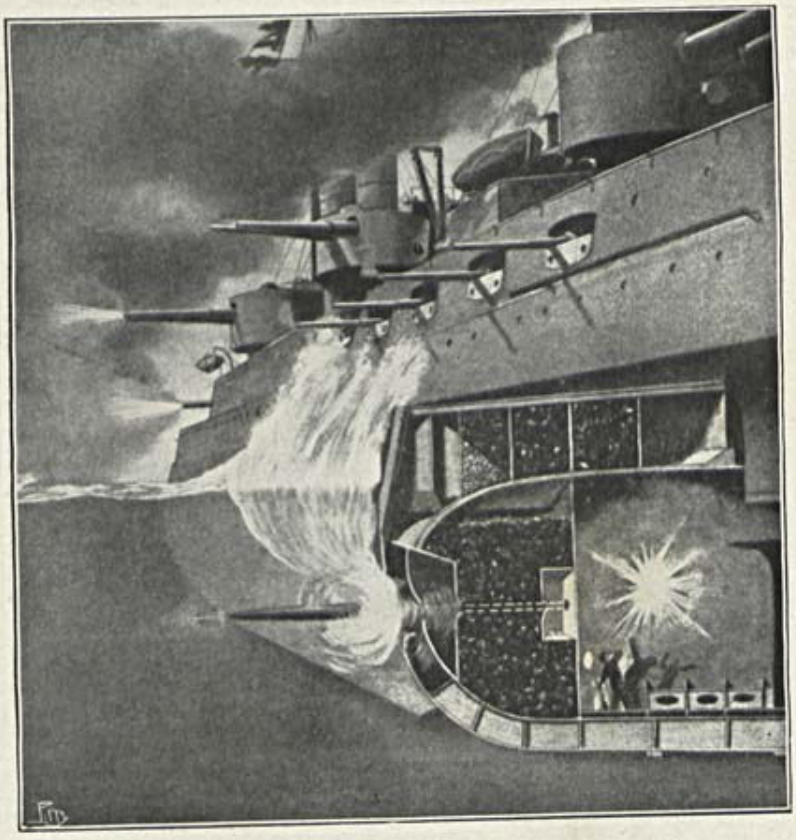
No intento de tornar inefficazes todos os meios de defeza, o official da marinha americana C. Davis, imaginou um torpedo — a que deu o nome de torpedo-peça — que funcciona como bôca de fogo ao encontrar um obstaculo, lançando então um projectil, que vae rebentar depois de ter penetrado nas partes vitaes do navio: paioes, caldeiras, etc.

Para esse fim, substituiu a «camara de carga» por um tubo-peça, alojado no cóne anterior e contendo a carga de projecção de uma granada-mina, carregada com explosivo violento, á qual é communicada a inflammação por intermedio de um percutor bastante saliente em relação á ogiva terminal do torpedo.

Fizeram-se ultimamente experiencias com um torpedo de calibre proximamente igual a 46 centimetros, sendo o do tubo-peça cêrca de 20^{cm}, com o comprimento de $1^{m},8$, em numeros redondos. O peso da carga de projecção era de 5^{kg}, e imprimia ao projectil, de 183^{kg}, carregado com 17^{kg} de explosivo, a velocidade inicial de 290 metros.

O alvo representava o costado de um navio e as experiencias realisadas foram bastante satisfactorias, o que parece indicar a larga applicação que, de futuro, deverá ter este notavel invento, quando empregado contra a parte mergulhada dos grandes navios de combate, se attendermos a que, a limitada distancia, abaixo da fluctuação, o casco do mais poderoso *super-dreadnought* se encontra totalmente desprovido de sufficiente couraçamento.

E. P.



Effeito do torpedo-peça ao encontrar o costado de um navio

ERRATA

No ultimo numero d'esta Revista sahiu errado o titulo do conto da Ex.ma Sr.a D. Maria O'Neill. Em vez de *Fernando* devia ter sahido *Penando*. Fica feita a ractificação, ao mesmo tempo que apresentamos á nossa illustre collaboradora as nossas desculpas pela diabrura dos typographos e pela distracção do revisor.

LIVROS

Recebemos os seguintes, que agradecemos:

Orthoepia e Orthographia da Lingua Portugueza, por Alexandre Fontes — E' um bello folheto de 71 paginas, no qual o seu auctor, já bem conhecido por outros trabalhos da mesma natureza, ao mesmo tempo que corrige varios disparates que por ahi se escrevem dia a dia, se manifesta contra a reforma orthographica decretada no tempo do Governo Provisorio. Escusado é dizer que estamos plenamente de accordo, pois queremos que o portuguez faça do castelhano a differença que deve fazer. Não gostamos da união iberica e temos muito amôr á lingua em que escreveu Camões.

Onde nasceu o 2.º Visconde de Santarem? por Jordão de Freitas — E' um folheto de 24 paginas, impressas em bom papel, demonstrando com grande copia de documentos que aquelle grande portuguez nasceu na Rua da Paz, no predio onde está installada a Academia de Estudos Livres e onde recentemente foi collocada uma lapide commemorativa do seu nascimento.

E' um trabalho interessante e digno, portanto, de ser lido.

Vêde como é bella a calma! Como esta hora de reflexos raiados pelas sombras que descem, esses fluidos vaporosos que parecem acariciar os flancos do rochedo, esta immobilidade da folhagem que parece beber em silencio o ouro dos ultimos raios, como toda essa solemnidade recolhida e serena é bem a verdadeira expressão do bello e do bom na natureza!

Jorge Sand.